

## Cidade, secularidade e humanidade:

### Errâncias filosóficas

*Giancarla Brunetto Setembro, 2014*

*Já ouviu falar daquele louco que acendeu uma lanterna numa manhã clara, correu para a praça do mercado e pôs-se a gritar incessantemente: “Eu procuro Deus! Eu procuro Deus!”. Como muitos dos que não acreditam em Deus estivessem justamente por ali naquele instante, ele provocou muita risadas... “Onde está Deus!”, ele gritava. “Eu devo dizer-lhes: nós o matamos – você e eu. Todos somos assassinos... Deus está morto. Deus continua morto. E nós o matamos...” Friedrich Nietzsche, Gaia Ciência, parte 125*

### **Errâncias filosóficas**

Um tema que permanece aberto a múltiplas reflexões é sobre qual o lugar hoje da religião na sociedade ocidental, tendo em vista as suas contínuas e profundas mudanças. Mais especificamente saber o que gerou e de que forma repercute hodiernamente a secularização na sociedade ocidental. Charles Taylor na obra *Uma Era Secular* apresenta essa reflexão a partir de dois questionamentos fundamentais: O que significa viver em um Era Secular, e por que houve a transição de uma sociedade não secular, onde a fé em Deus era depositada de modo inquestionável para uma sociedade secular na qual a fé, a religiosidade e a falta de fé e de religiosidade coabitam entre várias possibilidades. O que há em comum em ambas as formas de sociedade? A busca de um sentido.

A busca de um sentido é igualmente inerente ao humano, à humanidade – entendendo-se aqui humanidade como seres humanos, a natureza humana, ou ainda o conjunto resultante de cada “self” ou indivíduo, pessoa, subjetividade. Essa busca de um sentido para e diante da existência, em relação e em direção ao transcendente, ou na linha oposta, percebendo no transcendente o obstáculo ou a impossibilidade de dar um sentido e essa existência. De qualquer modo, a religião ocupa aqui um papel central ao longo da história da humanidade, história essa forjada em espaços, comunidades, vilas, cidades. Dos tempos primitivos à contemporaneidade globalizada, a humanidade se dispersou pelo nomadismo e se fixou pelo sedentarismo, e hoje se percebe que existe uma “zona cinza” nesta dispersão e fixação. A humanidade é um grande ponto de interrogação filosófica. Afinal o que significa ser

humano? Estar em um determinado tempo, espaço e lugar modifica as relações, as percepções, a busca pelo sentido da existência? Qual é a influência e qual é a importância da cidade como o espaço no qual primordialmente os seres humanos estão e constituem suas identidades sociais? E de que modo a secularidade se relaciona com essa imbricação entre humanidade e cidade na busca de um sentido? É o que este ensaio propõe investigar a partir de algumas considerações – errâncias filosóficas convidam para um percurso inerente ao humano, que é pensar. Os caminhos do pensamento propõem um diálogo com autores como Taylor, Le Goff, Nietzsche e Maffesoli.

## **1. A cidade**

Instalámo-nos, portanto, na cidade. Aí toda a vida é suportável para as pessoas infelizes. Um homem pode viver cem anos na cidade, sem dar por que morreu e apodreceu há muito. Falta tempo para o exame de consciência. As ocupações, os negócios, os contactos sociais, a saúde, as doenças e a educação das crianças preenchem-nos o tempo. Tão depressa se tem de receber visitas e retribuí-las, como se tem de ir a um espectáculo, a uma exposição ou a uma conferência. De facto, na cidade aparece a todo o momento uma celebridade, duas ou três ao mesmo tempo que não se pode deixar de perder. Tão depressa se tem de seguir um regime, tratar disto ou daquilo, como se tem de falar com os professores, os explicadores, as governantas. A vida torna-se assim completamente vazia.  
LEON TOLSTOI, A vida vazia da cidade. Sonata a Kreutzer

A “cidade da vida vazia” retratada por Tolstoi é uma área em que pessoas se instalaram. Denomina-se cidade essa área urbanizada, constituída por uma população, com uma determinada legislação, governo, instituições – inclusive religiosas. É o espaço onde se desenvolvem a cultura, a atividade humana em comunidade, o espaço de convivência, de competição, do mercado, o espaço do público e do privado. Províncias, metrópoles, megalópoles. A cidade da vida vazia na escrita de Tolstoi, que na poesia de Eça de Queiroz também se desumaniza: “Os sentimentos mais genuinamente humanos logo se desumanizam na cidade” (A cidade e as serras).

### **1.1 A cidade medieval**

A cidade contemporânea e globalizada, ainda que seja decorrente da modernidade, possui e preserva semelhanças com a cidade medieval. Nas urbes medievais o templo ocupa um espaço central e o átrio das igrejas é o lugar de debates. O castelo é o *locus* de poder político e econômico da *civitas*, cuja segurança e defesa desse espaço se faz pela construção de muralhas. Largamente utilizadas, as muralhas protegem e simbolizam a cidade medieval como um espaço fechado.

“Lugar de cobiça, a cidade aspira à segurança. Os seus habitantes fecham cuidadosamente as suas casas à chave e o roubo é muito severamente reprimido. A cidade, bela e rica, é também fonte de idealização: a de uma coabitação harmoniosa entre as classes.” LE GOFF, 2007: 69

O que de fato ocorre na organização social medieval é a preponderância da vida privada sobre a pública, a proeminência da organização familiar, da dinastia, da linhagem sobre o indivíduo. A casa é o espaço de habitação com terra como propriedade. A preocupação é manter o poder e o patrimônio por meio da sucessão (“*Le roi est mort, vive le roi!*”<sup>1</sup>). As desigualdades sociais mobilizam ações de misericórdia e caridade por parte de religiosos e fiéis cristãos. Nesta época são criadas as Ordens Mendicantes (séc. XIII) entre as quais as Ordens Terceiras formadas por franciscanos, dominicanos, servitas e trinitários. As ordens davam apoio aos pobres, enfermos, prisioneiros transformados em escravos, escravos não cristãos. São Francisco de Assis, na Regra de 1221, abre o Evangelho a todas as pessoas, povos, famílias, tribos, línguas, nações, a todos sobre a Terra. Francisco popularizou a vida religiosa não clerical, laica, e sempre manifestou a repugnância pela usura e pelo exercício do poder.

“Mas os doentes, como leprosos que já não possam trabalhar, metem medo e as estruturas de albergue não tardam a tornar-se estruturas de clausura, de separação. As ordens mendicantes denunciam as desigualdades originadas por esta organização social urbana e desenvolvem um novo ideal: o bem comum. Mas não podem impedir a multiplicação dos marginais no fim da Idade Média”. LE GOFF, 2007: 69

Na cidade medieval aplica-se o Direito de Ban (Bannum), o direito de comandar, obrigar e punir bárbaros, camponeses e vassalos. Este poder discricionário foi utilizado pelas autoridades militares, régias e posteriormente pelos senhores locais - o “senhorio banal”. Foi aplicado nas áreas militar, econômica e judicial para impor obrigações, serviços, aplicação de taxas e confisco de bens. Percebe-se aqui a estreita relação entre poder e propriedade na qual algumas pessoas são possuídas e governadas com base no conceito de domínio.

“E logo no início do século XIII nasceu um slogan sobre o poder, declarando que o verdadeiro poder, o que os juristas chamavam a *Potestas* em direito romano, passava a apresentar três aspectos: *Regnum*, a realeza, governo, o que nós chamamos o poder público; *Sacerdotium*, os padres, o clero, e *Studium*, o saber, isto é, a universidade”. LE GOFF, 2007: 63

Particularmente na relação entre o poder político e eclesiástico existe uma conjunção entre o temporal e o espiritual. Marsílio de Pádua, a respeito do poder coercitivo da igreja fez uma distinção entre a pretensão da plenitude do poder do papa (*Plenitudo potestatis*) que não condiz com a missão de Cristo. Deve haver uma redefinição sobre a espiritualidade, por isso

---

<sup>1</sup> “O rei está morto. Viva ao rei” proclamação tradicional declarada pela primeira vez declarada a partir da coroação de Carlos VII da França após a morte de seu pai, Carlos VI da França, no ano de 1422. A transferência de soberania ocorre imediatamente após o momento da morte do antigo rei.

ele manifesta-se contra uma função coercitiva da Igreja. Para Marsílio de Pádua a principal razão de conflito civil está nessa amálgama entre poder espiritual e temporal. No campo da moral e do direito Guilherme de Ockham sinaliza a importância do livre-arbítrio, da liberdade que cada sujeito possui como dom de Deus e da natureza e um direito natural individual de fazer escolhas sem imposições externas (portanto, anterior ao direito positivo da *civitas*). Para Ockham “um cristão não contraria os ensinamentos evangélicos ao se colocar ao lado do poder temporal em disputa com o poder papal”.<sup>2</sup> Ockham critica os que utilizam a religião como forma de coagir e restringir a liberdade. A tirania é a forma ilegítima de poder, pois o tirano, seja de usurpação (*Defectu tituli*) ou de exercício (*Ex parte exercitii*) sempre visa exclusivamente ao seu próprio bem.<sup>3</sup>

“Igualmente, toda autoridade fica impaciente por causa dum consorte e, precipuamente, sobre os mesmos súditos e por causas diferentes. Logo, um juiz secular ficará impaciente se um juiz eclesiástico também tiver um poder sobre os leigos, assim como, um juiz eclesiástico que exerce poder sobre os leigos e clérigos ficará impaciente se o juiz secular exercer um poder sobre os mesmos homens. Por isso, eles serão impelidos à ira e, conseqüentemente, à discussão, à rixa, à batalha, e à guerra. Logo, conclui-se que a comunidade dos fiéis não estará otimamente governada civilmente, também quanto à sua vida política, a não ser que toda e cada uma de suas partes tenham um juiz e um reitor supremo, por cuja jurisdição, imediata ou mediata, os demais em geral, sejam julgados em razão de todos os delitos (que cometerem), isto é, em todos os casos, ou por ele próprio, ou pelos juízes que lhe são subalternos”.

GUILHERME DE OCKHAM, Diálogo III, II, III, c. 20

A cidade medieval, com seus palácios e castelos que concentram o poder e constituída pelos burgos, é o centro de reunião política, cultural, legal, religiosa e é também o centro monetário que posteriormente irá se consolidar com o capitalismo. A cidade medieval com sua organização e estrutura influencia decisivamente na emergência da modernidade, quando irá se acentuar a ideia do direito de resistência do indivíduo e o seu direito à liberdade, e quando ocorre a passagem para a secularidade.

“A Idade Média deu à cidade, ou à maioria das cidades, um espaço rodeado de muralhas cuja traça subsiste meso depois de os muros terem desaparecido”  
LE GOFF, 2007: 141

---

<sup>2</sup> Spade, Paul Vincent, William of Ockham, The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2008: Edward N. Zalta. <http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/ockham/>.

<sup>3</sup> Para Platão (Político) o tirano se opõe ao verdadeiro e bom rei. Aristóteles (Política X) afirma que a tirania é o oposto de todas as outras formas de governo.

## 1.2 A emergência da Modernidade

“Na verdade, pobre século! Hermann Hesse o designava como tendo sido o da “era da página de variedades” MICHEL MAFFESOLI, 2001: 13

A busca de afirmação do “eu”, da individualidade, do sujeito marca a viragem para a Modernidade. Significa uma ruptura com a tradição<sup>4</sup> na busca de novos fundamentos, uma nova consciência do mundo Ocidental<sup>5</sup> em que a razão passa a ser o fio condutor, o filtro para o entendimento da realidade, do mundo e do ser humano. Período de profundas transformações em todos os campos do conhecimento – da arte, cultura, economia, ciência, política, religião. Período de mudanças no papel da família, da constituição do Estado-nação, da urbanização e industrialização, do processo de racionalização que leva a um desencantamento e a procura de uma identidade. O moderno que chega e se anuncia como renascimento, uma contínua renovação que se prolonga pela pós-modernidade. Baudelaire percebe a Modernidade como a consciência do novo com o caráter de imprevisibilidade e o necessário dilaceramento que dela advém. Para Marx significa a ascensão da burguesia e o desenvolvimento do capitalismo.

“Ao lado dos devassos arruinados, dos meios de existência duvidosos, de aventureiros, de escórias corrompidas da burguesia, encontramos aí vagabundos,...gatunos, charlatães,...gigolôs, gerentes de casa de prostituição, carregadores, escrevinhadores, tocadores de órgão, vendedores de quinquilharias, funileiros, mendigos, em resumo, toda essa massa confusa, decomposta, flutuante que os franceses chamam La bohème”.  
MARX, 18 Brumário de Luís Bonaparte

Para Maffesoli uma característica própria da Modernidade foi a pretensão de ordenar, codificar e identificar tudo de modo a domesticar o corpo social mediante convenções e uma “violência totalitária, a violência dos bons sentimentos, dando uma proteção em troca da submissão” (2001: 24). Ao afirmar-se a primazia absoluta da autonomia humana está a se vislumbrar a “visão prometeica”<sup>6</sup> do homem, do laicismo e do processo de secularização.

2.

3.

---

<sup>4</sup> Para Gilberto FREYRE a Modernidade necessita da tradição como base; sem ela, não é nada.

<sup>5</sup> Segundo Edmundo HUSSERL a Modernidade implica em profundas mudanças na Europa não somente em seus espaços geográficos, mas nas questões morais e espirituais.

<sup>6</sup> Prometeu, semi-deus que defendeu e ensinou vários ofícios à humanidade, a ponto de roubar o fogo de Zeus para dar aos mortais. Foi punido por Zeus, acorrentado em uma rocha pela eternidade, com uma águia a comer-lhe o fígado, que a cada dia se regenerava e voltava a ser bicado pela ave.

## 2. A secularidade

A modernidade se caracteriza por inaugurar uma época secularizada quando se estabelecem outras formas de relação no que se refere ao sagrado, ao transcendente, às religiões, crenças, práticas e instituições religiosas. Entende-se por secularidade a condição de viver na mundaneidade em oposição ao estado religioso, mediante o processo de secularização<sup>7</sup>, qual seja, da afirmação absoluta do homem, do profano. Para Charles Taylor a secularidade possui diversos sentidos: 01. Nos espaços públicos: A secularidade envolve mais do que o Estado, envolve as instituições e a sociedade em todos os níveis. 02. Com o abandono de convicções e práticas religiosas, as pessoas se afastando de Deus e não mais indo à igreja. 03. Sobre as condições de fé: “A mudança, a passagem de uma sociedade em que Deus é inquestionável para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre outras e, em geral, não a mais fácil a ser abraçada” (2010: 15). Nas sociedades mais arcaicas a religião estava em toda parte. Na Modernidade a fé em Deus não é mais inquestionável a ponto de haver sociedades em que as pessoas possam ser obrigadas a não cultivar a própria fé, sobretudo a partir de meados do século XIX.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> “Saeculum”: século, época. No latim eclesiástico significa a vida do mundo, espírito do mundo. Ciclo temporal da história da Salvação. No séc. XII referia-se ao abandono da vida religiosa. No Direito Canônico, refere-se à dispensa dos votos religiosos a um Clérigo regular, e encarnação no clero secular.. Na Modernidade, implica no ato de diminuição ou mesmo perda do caráter religioso.

<sup>8</sup> NIGÉRIA: Após viver uma guerra civil, o país tem sofrido constantemente com conflitos entre diferentes grupos étnicos e religiosos. Um deles é o Boko Haram, formado por insurgentes islâmicos que tentam dominar o norte do país. SUDÃO: sofre com conflitos internos há décadas. Desde 2011, quando o sul se tornou independente e foi criado o Sudão do Sul, a guerra se intensificou. Ainda há um conflito entre guerrilheiros muçulmanos e os cristãos. Desde os anos 1950, foram cerca de dois milhões de mortos e três milhões de refugiados. Por lá, ainda há um braço forte da Al Qaeda. MIANMAR: Minorias ameaçadas: Kachin, Karenni, Karen, Mons, Rakhine, Rohingyas, Shan, Chin (Zomis), Wa. Mesmo com a queda da ditadura de décadas no Mianmar, os muçulmanos continuam ameaçados no país por radicais budistas. Segundo a ONU, a minoria Rohingya, com um milhão de membros, é a mais ameaçada. Cerca de 10 mil deles já vivem em campos de refugiados. PAQUISTÃO: Minorias ameaçadas: Xiitas, Ahmadiyya, Hindus (religiões); Baluchis, Mohhajirs, Pashtun, Sindhis. Além dos conflitos dos grupos extremistas no norte do país, há ameaçadas em todo o território para os cristãos e muçulmanos ahmadi. Militantes ligados às comunidades deobandi e barelvi também estão deixando o cenário paquistanês ainda mais instável. IRAQUE: Minorias ameaçadas: xiitas, sunitas, curdos, Turkmens, cristãos, mandeus, palestinos, Yezidis, Shabak, Faili Kurds, Bahá'ís. 2013 foi o ano mais mortal para o Iraque desde 2007. Além disso, a violência entre muçulmanos shia e sunitas vem crescendo. Com 8 mil civis mortos no ano passado, os povos mais ameaçados são os xiitas, sunitas e assírios. SÍRIA: Minorias ameaçadas: Curdos, cristãos, palestinos, alauitas e alvos políticos. Com a guerra civil, minorias como os cristãos e os xiitas estão cada vez mais ameaçados. Além disso, o Exército Livre da Síria, que luta contra o governo, tem perdido espaço para novas milícias islâmicas. Os curdos no norte do país também estão sendo atacados sistematicamente desde 2013.

## 2.1 A busca da plenitude

Na Modernidade Deus se torna uma hipótese para explicar a origem do universo. Há o enfraquecimento dos laços com o sagrado, o religioso, e a secularização passa a ser uma categoria explicativa da própria Modernidade. Entretanto, por um lado é na teologia cristã que os modernos vão buscar as raízes desse processo secular, e de outro lado não conseguem os modernos esclarecer, explicar com base no *cogito*, e alcançar as expectativas de seu próprio projeto de renovação. Para Hannah Arendt a Modernidade acarreta a alienação do homem diante do mundo e de seu próprio mundo. Taylor questiona: a partir da secularização na Modernidade, no que as pessoas acreditam, e o que elas praticam?

“O interesse pela secularidade pública geralmente está relacionado com aquilo em que as pessoas acreditam ou com o que praticam e com a maneira como são tratadas em consequência disso: será que nosso regime secular marginaliza cristãos devotos, como se alega nos EUA? Ou será que ele estigmatiza grupos até agora não reconhecidos? Afro-americanos, hispânicos? Ou ainda gays e lésbicas?” TAYLOR, 2010: 16

É pela secularização que a religião deixa de ser a principal referência ao mesmo tempo em que se manifesta o pluralismo religioso. Cada indivíduo é responsável pela sua crença ou descrença - em algumas situações a secularização implica na ausência de fé. Caracteriza-se também pela existência de indivíduos que mesmo se declarando religiosos não são praticantes ou não agem conforme os valores da religião com a qual afirmam se identificar. Nesta era secular Taylor questiona onde se encontra um possível sentido, a plenitude:

“Todos percebemos nossas vidas e/ou o espaço no qual vivemos nossas vidas como portadores de uma determinada forma moral ou espiritual. Em algum lugar, em alguma atividade ou condição reside uma plenitude, uma riqueza; ou seja, naquele lugar a vida é mais plena, mais rica, mais profunda, mais valiosa, mais admirável, mais o que deveria ser. Este é, talvez, o lugar de poder: geralmente experienciamos isso como profundamente tocante, inspirador.” TAYLOR, 2010: 17

Segundo Taylor para quem crê, essa noção de plenitude pode estar na presença de Deus, na força da natureza ou na energia que flui. O enigma e a aparente incapacidade de alcançar essa plenitude podem intensificar essa crença ou gerar a sua negação, o vazio. Para os descrentes na Modernidade a plenitude está dentro de cada um, e a moralidade deve ser autônoma.<sup>9</sup> A vida pode não estar plenamente satisfatória, mas o descrente percorre o caminho para alcançar essa satisfação sem recorrer ou projetar-se ao transcendente, com base na autossuficiente racionalidade.

---

<sup>9</sup> Para Kant o ser humano tem o poder de elaborar racionalmente e interiormente as leis sob as quais irá viver.

“A razão por si só é estreita e, cega às exigências da plenitude, avançará talvez para a destruição humana e ambiental se não reconhecer limites; ela talvez seja movida por uma espécie de orgulho ou arrogância. Existem ecos aqui de uma crítica religiosa à razão moderna, desengajada, descrente”. TAYLOR, 2010: 23

## 2.2 O florescimento humano

Taylor compreende a três modos de secularidade com referência à religião<sup>10</sup>: 01. Aquilo que se retira do espaço público 02. Um tipo de crença que está ou não em regressão 03. Um determinado tipo de crença que nesta era está em exame. Para Taylor é necessário perguntar se as pessoas reconhecem algo além (transcendente) às suas vidas. Essa é uma pergunta fundamental já que na Modernidade pela primeira vez surge uma sociedade com base em um humanismo exclusivo, autossuficiente. Pela primeira vez o homem está no topo, seja como crente, descrente, como humanista ou anti-humanista. Taylor define secularidade como a condição na qual ocorre a experiência e a busca por plenitude humana – por crenças e descrentes. Nesta experiência a relação com Deus passa para o centro da vida em sociedade em uma perspectiva de dualidade. Na era secular “o eclipse de todas as metas que vão além do florescimento humano se torna concebível” (2010: 34). Se por um lado na Modernidade se causa “a morte de Deus é também na Modernidade que se abre uma pluralidade de questionamentos acerca da possibilidade e dúvida a respeito de sua presença. Neste cenário o reconhecimento ingênuo<sup>11</sup> do transcendente dá lugar ao pleno florescimento humano, explicação naturalista do mundo pela ciência, e o desencantamento do universo.<sup>12</sup> No mundo encantado os significados não estão na mente humana. É o mundo dos espíritos bons e maus, demônios, santos, esperança nas curas e crença nas maldições. No mundo encantado o significado está nas coisas que tem “poderes mágicos”. Esse mundo, independente de nós, é exógeno Especialmente nas épocas e sociedades arcaicas as comunidades cultivavam a crença por meio de rituais e devoções. A crença e adoração a Deus de modo ortodoxo. No mundo moderno operamos enquanto mentes emanadoras de mentes de modo endógeno. Para Taylor esta passagem do mundo encantado para o desencantamento do mundo ocorre por meio de uma nebulosa fronteira, em um interstício no qual o “Eu” (*Self*) é poroso. Da fonte de

---

<sup>10</sup> Sobre a definição de religião, Taylor declara (2010: 30): “Definir a religião em termos da distinção entre imanente e transcendente representa um movimento sob medida para a nossa cultura”

<sup>11</sup> Taylor (2010:42): “Na perspectiva de camponeses europeus em 1500, além de todas as inevitáveis ambivalências, o Deus cristão era a derradeira garantia de que o bem triunfaria, ou pelo menos manteria afastadas as numerosas forças das trevas”

<sup>12</sup> Taylor (2010:43): “Neste sentido, evidentemente a ciência, ao ajudar a desencantar o universo, abriu caminho para o humanismo exclusivo. Uma condição fundamental foi um novo sentido do SELF e de seu lugar no COSMOS...”



emoções que está fora da mente (mundo encantado) para o ilimitado, invulnerável, senhor dos significados para si (mundo moderno). É uma forma de perceber e vivenciar as coisas, uma necessária complementaridade, onde razão e emoção se encontram no ser humano, dentro e além do *Self*.

“Foi o eclipse dessa noção de complementaridade necessária, da necessidade de antiestrutura, que precedeu e ajudou a promover a secularização do espaço público”.

TAYLOR, 2010: 70

A secularização na Modernidade se fundamenta, segundo Taylor, em uma teoria que tem por características a retração da religião na via pública – e as alternativas ao Cristianismo, o “efeito-nova”. Há o declínio de fé e prática religiosa de um modo geral e também a mudança nas condições de fé com o surgimento de uma alternativa baseada no humanismo exclusivo e o surgimento da descrença de fato. Na tese da secularização as instituições religiosas passam a ter muito menos influência do que em épocas passadas assim como as práticas religiosas.<sup>13</sup> A constatação da fragmentação da cultura religiosa é incontestável, mas esse fato não levou a ciência se sobrepor ou mesmo eliminar a religião. O pluralismo<sup>14</sup>, a tolerância e a intolerância religiosa<sup>15</sup> também são traços marcantes dos tempos modernos seculares no Ocidente.

### 3. A humanidade

A natureza humana é objeto de múltiplas visões, diferentes perspectivas sobre os humanos, se são ou se tornam humanos, sobre a relação do homem com a natureza, com a cultura e com o transcendente. Questionamentos sobre a humanidade como parte do cosmos ou como parte em relação a forças externas, divinas, sagradas, se a humanidade é

---

<sup>13</sup> Para Steve BRUCE (in TAYLOR 2010: 503): “A religião consiste em ações, credos e instituições pregados com base na assunção da existência de entidades sobrenaturais com poderes de intervenção ou de poderes ou processos impessoais possuidores de propósito moral, que tem a capacidade de estabelecer as condições para os assuntos humanos ou de interferir neles”

<sup>14</sup> Para examinar a história da secularização sobre a sociedade francesa é preciso considerar a Revolução Francesa. . Estados do do sul da Alemanha são menos seculares hoje do que os do norte porque os alemães tiveram diferentes formas de cristianismo: protestantismo e catolicismo. Os alemães nativos tem um estilo de vida mais secular enquanto a religião é muito importante para os que migraram para a Alemanha - particularmente oriundos de países muçulmanos. A imigração pode ser um fator importante no processo de secularização.

<sup>15</sup> O escritor turco Orhan Pamuk defendeu em Lisboa neste mês de outubro/2014 que “a Europa precisa ter uma discussão séria sobre os seus valores fundamentais”. Pamuk é Nobel da Literatura de 2006, autor de uma obra literária sobre a procura de uma identidade turca, dividida entre o Ocidente e o Oriente, entre modernidade europeia e tradição muçulmana. Em entrevista no ano de 2013 declarou que “ Em primeiro lugar sinto-me turco. E um turco tanto se sente europeu como não europeu. Acredito numa Europa que não se baseia no cristianismo mas no Renascimento, na modernidade, na ‘liberdade, igualdade, fraternidade’. Essa é a minha Europa. Acredito nessas coisas e quero fazer parte delas. Mas se a Europa é a civilização cristã, lamento: nós, turcos, não queremos entrar.”

determinada ou contingente. Um dos projetos da Modernidade é o entendimento racional sobre o ser humano e o universo. A este “sonho iluminista do pensamento puro” correspondem manifestações e convicções humanistas e também ateístas da ausência perpétua de plenitude, os anti-humanismos não religiosos. Entre vários autores e teorias que surgem nesta época “nasce o Zaratustra”<sup>16</sup> de Friedrich Nietzsche. Embora o filósofo alemão não tenha sido o primeiro a anunciar a “morte de Deus” é ele quem realiza a maior crítica da religião, do Cristianismo e da Modernidade – uma crítica radical da moral, da metafísica, da cultura ocidental, do homem em relação consigo e com o sagrado. A morte de Deus significa que não existe um porto seguro. A ausência de Deus significa observar que na cultura e na existência não há como sustentar a ilusão do ideal da teologia metafísica. É libertar-se dos dogmas, superstições, resignações, do fundamento a priori. Não estamos seguros e tranquilos, estamos libertos, livres.

“A exigência de que a gente deva acreditar, de que no fundo tudo se encontra nas melhores mãos, de que um livro, a Bíblia, concede a tranquilização definitiva no que diz respeito à sabedoria divina na condução do destino da humanidade é, retraduzida na realidade, a vontade de não deixar surgir a verdade sobre a lamentável antítese disso tudo, ou seja, o fato de que a humanidade até hoje esteve nas piores mãos, de que foi regida pelos malogrados, pelos vingativos-astutos, pelos assim chamados “santos”, esses caluniadores do mundo e violadores do homem”. NIETZSCHE (2013: 93)

### 3.1 Nietzsche e o espírito livre

Nietzsche faz um questionamento sobre a origem dos valores morais e uma crítica da moral judaico-cristã e das religiões. Afirma que a moralidade é o instinto do rebanho no indivíduo – portanto, a anulação total da pessoa, e por isso a transvaloração dos valores é a forma pela qual se poderá resgatar a autenticidade da humanidade, mas essa tomada de consciência da humanidade somente será possível se “fugir ao império do acaso e dos sacerdotes” (2013: 93). O humano não deve ser regido pelo divino, pelo sagrado, pela moral.

“... e coloque pela primeira vez a pergunta do por quê?, do para quê? Como um todo – essa tarefa resulta, necessariamente, da compreensão de que a humanidade não está por si mesma no caminho correto, que ela está longe de ser regida de maneira divina, que, muito antes, justo entre suas mais sagradas noções de valor, o instinto da negação, da deterioração, o instinto da *décadence* reinou com toda a sua sedução” NIETZSCHE, 2013: 93

---

<sup>16</sup> O profeta e poeta persa Zaratustra nasceu em um vilarejo na Ásia Central em meados do séc. VIIa.C. Fundou o Masdeísmo ou Zoroastrismo, a primeira religião monoteísta baseada no triplo princípio boa mente, boas palavras, boas ações.

Em uma genealogia da moral e da natureza humana, Nietzsche contrapõe ao idealismo, ao ideal ascético, dos sacerdotes, um contraideal – Zaratustra, “Porque Deus foi o único ideal até hoje, ele não teve concorrentes” (2013: 115). Toda a obra nietzscheana é igualmente uma crítica à humanidade do humano, é uma crítica à Modernidade que exalta a razão, a inteligibilidade, ao que Nietzsche rebate: “O homem moral não está mais próximo do mundo inteligível do que o físico – pois o mundo inteligível não existe” (2013: 91). Este “humano, demasiado humano” é a busca da plenitude no espírito livre, o espírito que se tornou livre.

“O ideal não é refutado... ele morre de frio... o santo morre de frio; sob um grosso tampão de gelo, ainda mais adiante, o “herói” morre de frio; no fim morre de frio “a crença”, a assim chamada “convicção”, e também a “piedade” se esfria significativamente... quase em todos os lugares morre de frio “a coisa em si”...” NIETZSCHE, 2013: 86

Os valores universalmente propagados, a nobreza dos sentimentos, a bondade do Cristianismo, os princípios das religiões são “embustes elevados” e ilusões que precisam ser desmascaradas. Não existe uma ordem reguladora no mundo ou um ideal sob o qual se guia e encaminha a humanidade. A vida é uma dança aos pés do acaso. Resgatar o espírito livre implica em tomar posse de si mesmo (2013: 85) sem certeza de um caminho correto, porque na verdade ele não existe. O homem é o destino do homem.

“No dia 30 de setembro, a grande vitória: o fim da transvaloração; um Deus curtia o seu ócio ao longo do pó”.  
NIETZSCHE, 2013:118

A transvaloração dos valores é a forma pela qual a humanidade poderá se autoconscientizar e libertar. Essa conscientização implica em negar a teologia metafísica, a religião e a moral de *décadence* cristã. Para Nietzsche a moral cristã com sua bondade, altruísmo e “bela alma” privou a existência humana de sua verdade ao castrar e reduzir a humanidade a animal de rebanho. O ser moral cristão é o ser que renuncia-a-si-mesmo e por isso nega a própria vida. A verdade cristã é para Nietzsche a mais pérfida forma de mentira, porque sob o pretexto do sagrado como ideal em realidade “foi reconhecido como ardil para sugar a própria vida, torná-la anêmica” (2013: 135).

“Que se tenha ensinado o desprezo pelos primeiríssimos instintos da vida, que se tenha inventado uma “alma”, um “espírito” para arruinar o corpo; que se ensine a ver algo impuro no pressuposto da vida, a sexualidade; que se busque o princípio ruim naquilo que é mais básico e necessário ao florescer, o estrito amor-a-si-mesmo”  
NIETZSCHE, 2013: 134

Nietzsche declara o fim da verdade absoluta, da “velha verdade” e adverte que não está a fundar uma nova religião ou uma nova moral. Os santos são mentirosos e a moral é o mais fatal dos erros, “A história inteira já é refutação experimental da sentença, a assim chamada ordem moral universal” (2013: 129). A autossuperação da moral é possível mediante a negação da moral, é ser imoral, aniquilar e abolir o homem elevado e bom. Na concepção nietzscheana o cristão foi o ser moral “mais absurdo, falso, vaidoso, leviano, prejudicial a si mesmo” (2013: 135). Ele critica a degenerescência da moral cristã por causa “apenas daquela espécie parasitária de homem, a do sacerdote, que através da moral elevou-se fraudulentamente à definidora dos valores, que na moral cristã divisou o seu meio de alcançar o poder” (2013: 134). Essa moral Nietzsche define como “a idiossincrasia dos *décadents*, com o desígnio oculto de vingar-se da vida - e com êxito” (2013:134).

### **3.2 Maffesoli e o nômade**

A errância para Michel Maffesoli, além de seu aspecto fundador de todo conjunto social, traduz a pluralidade da pessoa e a duplicidade da existência. Também exprime rebeldia, revolta violenta ou discreta contra a ordem estabelecida (2001: 16). Na obra *Sobre o Nomadismo*, Maffesoli apresenta as características do errante, nômade, viajante em busca da outra parte ao longo de sua existência. Ele evoca Foucault em sua análise sobre a domesticação da sociedade para afirmar que a origem dessa domesticação está na passagem do nomadismo para o sedentarismo, e que é precisamente na Modernidade que passa a haver essa fixação pela ordem, ordenamento, convenção. As comunidades foram se organizando nas cidades, em instituições administrativas cada vez maiores e mais complexas e o seu maior modelo de organização é o Estado-Nação.

“Diante disso que chamamos de globalização do mundo, diante de uma sociedade que se deseja positiva, lisa, sem asperezas, diante de um desenvolvimento tecnológico e de uma ideologia econômica reinando, ainda, como mestra, em resumo, diante de uma sociedade se afirmando perfeita e “plena”, expressa-se a necessidade do “vazio”, da perda, da despesa, de tudo aquilo que não se contabiliza e foge à fantasia da cifra”. MAFFESOLI, 2001: 23

A violência totalitária moderna se caracteriza pela fixação e pela supressão como formas de domínio, imobilização e de onipotência de uma sociedade, de um Estado, em nome de uma “fantasia do uno”. Maffesoli vai mais longe e afirma que o ideal do poder é a imobilidade absoluta (2001:25) e para conseguir e manter esse poder busca a regulamentação da livre circulação, o controle como forma de que nada escape, que tudo funcione corretamente, ou seja, em consonância com o poder. Em suas críticas à Modernidade ele afirma que é nessa época que o fechamento ocorre, e a imobilização tem a função de estabelecer e manter uma ordem, um poder de modo absoluto.

“A imobilização em uma função – quer se trate de uma função profissional, ideológica, afetiva – longe de ser a marca de uma superioridade, de um progresso social ou individual, pode ser o sintoma de um fechamento, e, portanto, em um certo prazo, ter um efeito mortífero”.  
MAFFESOLI, 2001: 25

A pulsão pela errância<sup>17</sup> move o viajante, o ser explorador de novos caminhos, novas experiências, novas relações, novos espaços de convivência. O nômade ou errante, ao caminhar, está a explorar o mundo que não conhece. Diante do paradoxo da Modernidade, em que há o poder secular em um mundo a ser dominado pelo homem, o errante é o homem que não se imobiliza, assume uma forma de pensar que não é racionalista, realista (típicos da Modernidade), ele escapa ao olhar do dominador. “O que se move escapa, por definição, à câmera sofisticada do pan-óptico” (2001: 25). Ao contrário do pertencimento a um espaço, lugar, nação, Estado, o errante caminha no não-pertencimento como a busca de uma possível realização e plenitude. Ao contrário da concepção de uma existência sedentária, imóvel, fixa, a errância compreende a existência (ek-sistência) como sair de si, abrir ao outro. A errância tem uma dimensão ética e utópica<sup>18</sup>, com base na valorização da liberdade, do “passeio sem destino” ao qual Benjamin já fizera referência, e uma dimensão política como contestação a uma forma de vida que visa à produção, o ócio e a não-domesticação como forma de resistência e de subversão.

“A errância seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a instituição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos”  
MAFFESOLI, 2001: 29

A errância é fugaz, efêmera, constituída pelo desejo do outro lugar, pelas migrações, deslocamentos, mobilidade social (muitas vezes induzida), movimento, hedonismo relativo, anomia, desenraizamento, inconstância e impermanência. O *homo viator* é constante em sua inconstância, é sólido em sua fluidez, é eterno em sua fugacidade. Viaja para encontrar-se.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Formas de manifestação do nomadismo: como expressão de momento nostálgico, celebração ficcional e em rituais – o mito do cavaleiro errante, o amor transgressivo, a pulsão da viagem, a busca do solo, a procura do Graal, o mito de Florença, a cidade perfeita, a regrediência (volta às formas arcaicas), a procura de Eldorado (2001: 51)

<sup>18</sup> Pierre CLASTRE questiona o que motiva os índios Guarani a uma constante busca pela Terra sem Mal. Todo e qualquer habitar é uma pausa. Existem numerosas sociedades primitivas que incorporam esse habitar sem territorialização. Por esse motivo MAFFESOLI entende que são seja adequado caracterizá-las como utópicas. (2001: 33)

<sup>19</sup> Para MAFFESOLI, o nomadismo de Israel, enraizado em uma convicção religiosa, permite manter-se como entidade sólida. O exílio foi um fator de coesão. Cita também Jesus Cristo e o Mito da Ascensão, que canoniza o desejo de outro lugar. O rito de iniciação da viagem é comum em várias religiões, assim

O errante, pelo que simboliza, causa desconforto na sociedade moderna instituída, no Estado organizado e convencional. Como andarilho anda, move-se, movimenta-se na ação de se por a andar na pulsão do pioneiro, do utópico. O errante, nômade andarilho viajante, é inquieto e inquietante. É uma “ave migrante”. Maffesoli faz referência a Platão ao afirmar que o viajante é uma ave de passagem e como tal deverá ser acolhido **mas fora da cidade**. “Os magistrados deverão vigiar para que nenhum dos estrangeiros dessa espécie introduza qualquer novidade na cidade, e agir de modo a que não se tenham com ele senão as relações mais indispensáveis, e assim mesmo o mínimo possível” (Leis XII, 952). Assim como o imoral Zaratustra, o viajante representa uma ameaça moral, afinal, ele traz novidades.<sup>20</sup> O viajante experimenta outros mundos, outras realidades, outras culturas. Ele vive. E percebe que o *mundus est immundus*.

“O viajante é testemunha de um “mundo paralelo” no qual a anomia tem a força da lei. Com isto, incomoda o sábio organizador cuja única ambição consiste em prever – e para isso tem de repelir o estranho e o imprevisível”. MAFFESOLI, 2001: 43

### **Outras errâncias**

A cidade como um determinado lugar em um tempo e espaço não é necessariamente o destino, o porto seguro. A cidade como um corpo social e político é constituída por uma determinada cultura que a diferencia e de outra parte a identifica. Por isso a humanidade enquanto gênero humano, mais que um conjunto de cidadãos, cidadãos, são e podem vir-a-ser errantes no passeio sem destino. A Modernidade deixa como legado a pós-modernidade, ou uma Modernidade líquida no sentido que Bauman a identifica, com o desafio de repensar um modo de ser e perceber o espírito do tempo. As errâncias contemporâneas carregam o estigma da xenofobia, da discriminação, da intolerância - por exemplo, religiosa. Tanto a humanidade como a secularidade estão em questionamento: o florescimento humano de fato humanizou as relações entre os humanos? Hoje, mais do que em qualquer outra época se questiona acerca de qual é o lugar e a função da religião. A busca de sentido, onde e como se alcança a plenitude, é um campo aberto para múltiplas possibilidades na era secular.

---

como em diversas culturas recebe-se o viajante como hóspede a ser venerado, a quem se oferece como presente o que há de mais precioso, mais íntimo. (2001: 30)

<sup>20</sup> “Desde o início de sua regra monástica, São Bento atacava justamente os monges giróvagos que vão de convento em convento. Os giróvagos são perigosos porque são indomáveis. Cachorros loucos pouco domesticados, trazem consigo a perturbação e os germes da heresia”. (2001: 165)

“Minha própria visão de “secularização” que livremente confesso ter sido moldada pela minha própria perspectiva como crente (mas que, não obstante, espero ser capaz de defender com argumentos), é que certamente tem havido um “declínio” da religião. A fé religiosa passou a existir num campo de escolhas que inclui várias formas de objeção e rejeição; a fé cristã existe em um campo em que há também um amplo leque de outras opções espirituais.”

TAYLOR, 2007: 512

O errante carrega consigo esse sentimento do trágico da vida, sabe que a vida se faz no presente, no cotidiano, mas será que haverá sentido no efêmero e na fugacidade? Seria a atração pelo distante, longínquo, desconhecido, a busca de re-aproximação com o divino, o místico, o transcendente? Essa atitude de *apoika* – como afastamento de sua casa significa uma ruptura com o conhecido em busca do desconhecido, uma atitude corajosa de ultrapassar fronteiras, um desacolhimento e um desencolhimento diante do já conhecido, do já vivido. Não é um renascimento ou um reflorescimento, é um vazio diante do que está para nascer.

“Em nossa sociedade (refiro-me à Ocidental) fomos criados em primeira linha por alguma forma de fé cristã, ou, em nosso mundo cada vez mais plural, por um compromisso judaico, islâmico, ou budista. A segunda resposta tomou forma na crítica/rejeição “leiga” ou “secular” da religião como um perigo, até um inimigo do “florescimento humano”.

TAYLOR, 2010: 510

Nas antigas cidades medievais com suas muralhas ou nas cidades modernas com seus limites, normas e convenções, as errâncias desconsideram as fronteiras – nacionais, ideológicas, religiosas, civilizacionais. O mundo das cidades, dos Estados na pós-modernidade comportam a humanidade, mas não significa que há mais humanidade nesse mundo. As errâncias tem um caráter cosmopolita, como *peregrinatio* é uma experiência não somente exterior, é simultaneamente e intensamente interior.

#### Referências

LE GOFF, Jacques *Por amor das cidades*. Lisboa: Editorial Teorema, 2007.

LE GOFF, Jacques, e outros *Viva o ano 1000! A modernidade e a Idade Média*. Lisboa: Editorial Teorema, 2000.

MAFFESOLI, Michel *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SOUZA, José Antônio de *As relações de poder na Idade Média tardia*. Porto Alegre: EST, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

SOUZA, José Carlos A. de *As filosofias da história e a tese da secularização: a teologia cristã e as raízes da secularização na modernidade*. Minas Gerais: Plura, Revista de Estudos da Religião vol. 2, nº 2, 2011, pág. 43-57.

TAYLOR, Charles *Uma Era Secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

*The Theory of Secularization: A Revised (and more Universal) Paradigm*. <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/>